

João Victor Martins Toledo Guidotti

**VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

GT 21: O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO NOVO ENSINO MÉDIO

**O ENSINO DE SOCIOLOGIA SEGUNDO O CURRÍCULO
PAULISTA:
ANÁLISES DE RUPTURAS ENTRE 2014-2017 E O NOVO ENSINO
MÉDIO**

Belém, Pará

2023



O ENSINO DE SOCIOLOGIA SEGUNDO O CURRÍCULO PAULISTA: ANÁLISES DE RUPTURAS ENTRE 2014-2017 E O NOVO ENSINO MÉDIO

João Victor Martins Toledo Guidotti ¹

RESUMO

Historicamente, o ensino de sociologia nas escolas públicas tem sido alvo de constantes rearranjos políticos, de modo que os conteúdos trabalhados sejam produto de interesse político para a manutenção do poder. No currículo oficial do estado de São Paulo (Currículo Paulista), tais arranjos podem ser percebidos com facilidade, quando contrapostos a propostas governamentais e a ideologias próprias dos governos em que estiveram inseridos. Este trabalho tem por objetivo a proposta de analisar a disposição de conteúdos no ensino de sociologia antes e depois do Novo Ensino Médio (respectivamente, o último currículo promulgado para utilização no triênio 2014-2017, e o currículo de 2020, já adaptado ao N.E.M). Esta análise deve traçar um paralelo entre os conteúdos propostos nos dois períodos e sua validade enquanto ensino de sociologia para a tomada de consciência individual ou para o preparo ao mundo de trabalho. A principal tese defendida neste trabalho é que, após a promulgação do Novo Ensino Médio, o componente de sociologia foi relegado ao trabalho de conteúdos voltados à formação de operários, com pouco enfoque nas questões de relação social, e menos ainda na perspectiva da sociologia clássica. Para tanto, utilizaremos como fonte o “caderno do aluno” utilizado no triênio 2014-2017, bem como o material “SP faz Escola”, de 2020.

Palavras-chave: Sociologia, Currículo, Novo Ensino Médio, São Paulo.

INTRODUÇÃO

No ano de 2017, por meio da Lei nº 13.415 de 2017 (BRASIL, 2017), o presidente Michel Temer sancionou a reestruturação e reforma do Ensino Médio, implementando o “Novo Ensino Médio” (N.E.M). Essa reforma incluiria a revisão de todas as estruturas até então conhecidas e praticadas no ensino médio tradicional, bem como a criação de novos conceitos e realocação das disciplinas tradicionais em grandes áreas do conhecimento. Tal proposta fora bem recebida pelo estado de São Paulo, sendo aprovado, pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) em julho de 2020, o Novo Currículo Paulista, já com as mudanças requeridas pela lei do N.E.M.

A temática proposta nesse trabalho diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem em sociologia percebida no Novo Ensino Médio, tal como as dinâmicas de rupturas existentes entre o currículo do N.E.M. e o último currículo

¹ Graduando do Curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos- SP, joaotoledo25@yahoo.com.br.

promulgado antes de sua implementação. Compreende-se a temporalidade histórica dos materiais propostos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC-SP), na perspectiva de analisar também a intencionalidade proposta em princípio pelo Governo Federal (2017), e depois sua ressonância e significado num escopo regional, qual seja, o estado de São Paulo.

O objetivo geral deste trabalho é analisar, de acordo com perspectivas de ensino, o uso do componente curricular sociologia no ensino básico como instrumento de manutenção do poder por meio de conteúdos e temas norteadores. Tendo em vista o escopo do novo ensino médio, que visa “qualificar” essa etapa da educação básica, de forma a dinamizá-la e deixá-la mais “atrativa” aos estudantes (Ferretti, 2018, p. 26), a análise dos conteúdos propostos por política governamental se faz mais que útil para a compreensão das questões que envolvem os interesses na mudança do ensino tradicional para o novo ensino Médio, além de inserir-se na perspectiva mais palpável que se tem para tal compreensão, ou seja, o que se trabalha efetivamente em sala de aula.

Para efetividade destas análises, tem-se por objetivo específico descrever os materiais propostos para o ensino de sociologia no ensino médio da educação pública do estado de São Paulo, seus temas e métodos de ensino; bem como comparar o currículo do novo ensino médio com o currículo do triênio 2014-2017, para assim traçar evidências de rupturas e continuidades entre os dois, além de analisar politicamente os desdobramentos práticos da implementação do N.E.M. no estado de São Paulo.

Objetiva-se também compreender se a reforma curricular do Novo Ensino Médio favorece de fato a autonomia e criticidade dos estudantes, ou a supressão destas em favor de um projeto de retrocesso na educação brasileira. Esta pesquisa deve cooperar, enquanto visão micro de um recorte de espaço e tempo, para os estudos que vierem a surgir sobre a implementação do Novo Ensino Médio, bem como deve agregar sentido às discussões propostas por movimentos estudantis que requerem ou sua adaptação e desenvolvimento ou sua revogação total, no esteio dos protestos que ocorrem desde o fim do ano de 2022 e se estendem até os dias atuais.

Faz-se essencial à nossa pesquisa a questão de trabalho: No que tange ao ensino de sociologia, teria o Novo Ensino Médio alguma espécie de afinidade eletiva com a crise na educação, definida por Darcy Ribeiro como um projeto?



METODOLOGIA

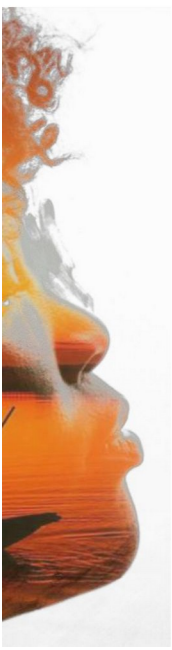
Devido ao apagamento de fontes digitais oficiais que possibilitasse a análise das habilidades do Currículo Paulista oficial, utilizadas antes da criação do Novo Ensino Médio em decorrência deste, utilizaremos nesta pesquisa o Material do Aluno do triênio 2014-2017, em análise comparativa não com o Currículo, mas com o mesmo material que se propõe aos estudantes contemplados pela reforma.

A metodologia de pesquisa deste trabalho se pautará na colheita de fontes para a realização das análises acima referidas, quais sejam, o material do estudante (apostila) divulgado para uso de 2014 a 2017, e o atual “Currículo em ação”, adaptado às diretrizes do N.E.M. O trabalho de colheita possibilitará uma análise mais assertiva e detalhada.

DESENVOLVIMENTO/REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento de currículos para o ensino básico esteve sempre atrelado às demandas políticas de cada período histórico, levando em consideração também os movimentos contemporâneos e a realidade social de cada região/ estado do país, uma vez que os estados possuem autonomia para deliberar a forma de repasse dos conteúdos, desde que respeitados os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No ensino básico de sociologia estes aspectos se fazem ainda mais presentes, uma vez que ela deve englobar o estudo das dinâmicas da realidade social diante de perspectivas históricas e atuais, com o intuito de promover uma compreensão da lógica das sociedades, afim de “instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social” (BRASIL, 2000, p. 37).

Ao longo da história da educação escolar no Brasil, são perceptíveis diversos movimentos de idas e vindas ao que tange ao ensino de sociologia; por seu caráter contestatório e de formação de identidade, em tempos de outrora essa disciplina foi ocultada em virtude de projetos de estado, como aconteceu durante o governo civil-militar (WIERCZORKIEWICZ, 2022, p.99). Estes movimentos, muito caros aos poderes hegemônicos de elites enraizadas no Brasil, continuam até os dias atuais, sobretudo após a implementação do Novo Ensino Médio (N.E.M.), uma



vez que esta reforma pressupõe a retirada da obrigatoriedade da sociologia no currículo básico, realocando-a em breves participações nas disciplinas comuns da grande área ciências humanas, todavia sem seu aparato específico e num contexto de aprendizagem mais abstrato do que objetiva, no mínimo, a sociologia clássica.

Apesar dos retrocessos e processos ainda em construção, fato é que a reforma do Ensino Médio provocou inúmeras tensões no que concerne ao ensino de sociologia, assim também como ao que diz respeito aos outros três componentes da área de ciências humanas (história, filosofia e geografia). De acordo com a atualização proposta pela lei nº 13.415/2017, a Base Comum Curricular definiu que o ensino de sociologia fosse mantido nas primeiras e segundas séries do ensino médio. Neste artigo procederemos a uma análise do ensino de sociologia segundo o currículo paulista, utilizado nas escolas públicas do estado de São Paulo, a partir de comparações entre o currículo “preto e branco” (último currículo utilizado antes da implementação do N.E.M.) e o currículo já atualizado com a perspectiva da reforma do ensino médio, em uso desde o ano de 2021. Para um recorte mais preciso, analisaremos o material didático proposto pela SEDUC-SP para os estudantes da primeira série do ensino médio nos períodos estudados, uma vez que estes materiais tem por missão apresentar a sociologia e suas nuances aos estudantes, que nunca tiveram contato direto com esta disciplina.

Sabemos da importância da intencionalidade no ensino, sobretudo no de sociologia, que apresenta diversas nuances e perspectivas de objetos sociais; esta intencionalidade leva à uma causalidade que pode ser o cerne de relações sociais bem estabelecidas e pautadas em conhecimentos prévios. É sabido também que o ensino de sociologia pressupõe o estabelecimento de um currículo vasto, bem como a autonomia docente na administração de conteúdos:

O ensino e a escola dispõem de modelos sociais e de conteúdos teóricos que dão margem para o desenvolvimento das capacidades psíquicas do aluno, porém essa condição só se pode realizar visando um objetivo e sua finalidade, ou seja, quando há sentido agregado que consolide a atividade de aprendizagem. Senão, não passa de uma mera ação, da qual não qualifica a o desenvolvimento mental e histórico-cultural do aluno e consequentemente, o ensino se esvazia de sua função. (SOUZA, 2019, p.47).

Para tanto, num primeiro momento, nos ataremos à análise comparativa dos chamados “cadernos do aluno” utilizados nos dois momentos que propomos a comparação, uma vez que as habilidades curriculares próprias do ensino paulista



não sejam tão facilmente acessáveis (pelo menos não aquelas anteriores à reforma do ensino médio). Esta análise se debruçará nos conteúdos propostos nos dois períodos, a fim de traçar evidências de rupturas e/ou continuidades nos dois exercícios. Isto proporcionará um recorte maior dos componentes ideológicos que se quer transmitir com a nova reforma curricular.

O “caderno do aluno” utilizado no triênio 2014-2017 no ensino público paulista preconiza um ensino de sociologia pautado na construção do olhar sociológico e na análise de situações sociais. No prefácio introdutório para o estudante da primeira série do ensino médio, o material didático demonstra seu objetivo aos estudantes:

Ao final desse percurso, esperamos que você tenha desenvolvido um olhar sociológico, que lhe permita entender a sociedade em que vive, situando-se nela e agindo de forma consciente, tanto na ordenação e na busca de sentido dos fatos de sua própria vida, como nos da sociedade (SÃO PAULO, 2014, p.3).

Ademais, o material evidencia ao próprio estudante a grade curricular que lhe será proposta: “a Sociologia e o trabalho do sociólogo, o ser humano como ser social, relações e interações sociais e a socialização e o processo de construção social da identidade” (SÃO PAULO, 2014, p.3). Este precônio tanto estabelece um contato direto do estudante com a nova disciplina a ser estudada, como evidencia uma maior preocupação com a individualidade programática de cada disciplina. A ciência disto já expõe uma diferença crucial no trato com as disciplinas (pelo menos as de ciências humanas) no Novo Ensino Médio: o novo material (currículo em ação – caderno do estudante – volume 1), além de condensar num único volume os componentes de “ciências humanas e sociais aplicadas, tecnologia e inovação e projeto de vida” (Geografia, História, Filosofia, Sociologia, Tecnologia e Inovação e Projeto de vida), também não oferece uma apresentação prévia, nem do que se vai estudar e tampouco para conhecimento dos objetos de cada componente curricular. O que se encontra no novo material didático é uma breve introdução geral e abstrata das ciências humanas, pautada num ideal de “projeto de vida”, formando uma espécie de “salada de frutas” do conhecimento (grifos nossos):

Esperamos que você possa assumir-se como sujeito responsável pela sua história e a dos outros, conscientizar-se de que a concretização dos seus desejos e objetivos depende de planejamento, organização,

estabelecimento de metas e estratégias para cada ano do Novo Ensino Médio, **compreendendo essa etapa como significativa para a realização do seu projeto de vida.**

Irá perceber, ao longo das atividades propostas em cada Situação de Aprendizagem, que os diferentes Componentes Curriculares (História, Filosofia, Geografia e Sociologia) que formam a área de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas tratam de temas relevantes na contemporaneidade de maneira ordenada e complementar a partir da questão: Como meus desejos podem ser compatibilizados com a cidadania? Dessa maneira, você estudante irá ampliar e organizar seus conhecimentos, além de aprimorar sua experiência pessoal e a sua condição cidadã. (SÃO PAULO, 2019, p.8).

Esta prévia superficial que resume toda a complexidade social das ciências humanas num único objetivo de auxiliar o estudante a “compatibilizar seus desejos com a cidadania” expressa uma forma violenta de expropriação de sentido das ciências sociais, além de um projeto que estabelece conteúdos supérfluos na esteira curricular em virtude de “realização do projeto de vida” – em sentido mais amplo, retirando das ciências humanas o sentido crítico e estabelecendo em seu lugar uma formação para a vida no mercado capitalista. Todavia, se o prefácio do material didático proposto já expressa certa determinante mercadológica, a disposição de conteúdos no novo ensino médio revela uma face mais oculta de um projeto com intencionalidade de mercado, conforme veremos a seguir.

Passando para a análise de conteúdos, ainda na primeira série do ensino médio, é identificável uma alteração súbita logo no primeiro conteúdo a ser trabalhado na disciplina, em virtude de um olhar formativo mais voltado à formação de mão-de-obra para manutenção do sistema capitalista: enquanto o material utilizado entre 2014 e 2017 traz como primeiro objeto de conhecimento da sociologia “O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade” (SÃO PAULO, 2014, p.5), o caderno “currículo em ação”, do novo ensino médio, traz como objeto de primeira discussão a questão dos impostos e taxas na sociedade, bem como a relação entre consumo, tributação e cidadania (SÃO PAULO, 2019, p.144). Numa perspectiva durkheimniana, entende-se o uso da educação como aparato ideológico para especialização de mão-de-obra ao mercado, o que justifica o atual empenho promovido no escopo do novo ensino médio:

As transformações morfológicas ocorridas no interior das sociedades segmentadas – aumento do volume e da densidade material e moral – têm por efeito o enfraquecimento da consciência comum e a intensificação da divisão do trabalho, culminando no desenvolvimento de estruturas sociais muito mais complexas que as anteriores. A especialização funcional no âmbito crescente da divisão do trabalho concorre para que a educação

também se diversifique, e à medida que a sociedade procura responder as suas necessidades, determinando os valores que devem ser difundidos sobre o conjunto de seus membros, é sobre a escola que recai a responsabilidade de preparar as novas gerações para a vida social. (VARES; BORTULUCCE, 2014, p.6)

No novo material, o tema primeiro a ser debatido por indivíduos que ainda não sabem o que é sociologia, seus objetivos e sua utilidade, é a análise dos impostos no Brasil e da carga tributária, numa perspectiva econômica do componente estudado, acompanhada por questionamentos do tipo:

- Qual é o seu “sonho de consumo”, aquele bem ou serviço que neste momento da sua vida você quer muito?
- Você considera que esse sonho é realizável a curto, médio ou longo prazo? O que mais dificulta essa realização? (SÃO PAULO, 2019, p.145).

Embora válido o ensino da teoria econômica, talvez estes questionamentos apresentados estejam mais versados à justificação do capital e seus componentes, percorrendo o caminho oposto da sociologia tradicional, qual seja, seu aparato descritivo e por consequência crítico das situações sociais e dos sistemas políticos e econômicos, objetivando uma construção efetivamente identitária e ideológica, que permitiria ao indivíduo sua percepção de mundo e suas tomadas de atitudes. Além de situar-se alheio à discussão sociológica, o tema de impostos, taxas e tributos colocado como primeira atividade em sociologia promove uma compreensão superficial da sociologia, situando-a distante das teorias sociais, além de assim conseguir maior afastamento dos estudantes no empenho e discussão concernentes a esta disciplina. Talvez o novo ensino médio entenda maior utilidade na compreensão do status quo da forma como ele está disposto na sociedade, do que dar prioridade à desnaturalização do olhar social, o que desenvolveria nos estudantes maior criticidade e disposição ao aprendizado social.

Em contraposição, o chamado “currículo preto e branco” (situado entre 2014-2017), embora não essencialmente disposto segundo a perspectiva sociológica de ensino, apresenta um cenário pouco mais fiel ao ideal da teoria sociológica. Após a apresentação da disciplina sociologia em sua individualidade e os conteúdos com os quais ela trabalha, o caderno do aluno anterior à reforma do ensino médio traz como primeiro objeto de conhecimento o estranhamento da realidade, processo essencial para a desconstrução de olhares e percepção de dinâmicas sociais, conforme corrobora a literatura de ensino em sociologia:

Desnaturalizar os fenômenos sociais compreende a prática sociológica de fato, pois significa desvendar os processos do imediato e da aparência naturalizada. A desnaturalização proposta enquanto dispositivo pedagógico da disciplina escolar de sociologia se assemelha a ao conceito de imaginação sociológica [...]

[...] desnaturalizar as relações e fenômenos sociais constitui etapa essencial do desenvolvimento da compreensão acerca da própria realidade, a partir da apropriação do conhecimento historicamente acumulado e sistematizado. Quando o indivíduo se localiza em seu contexto histórico e se apropria de ferramentas para desnaturalizar sua realidade, o processo de seu desenvolvimento pleno torna-se mais exitoso. Nesse sentido, a sociologia na escola pode contribuir diretamente no desenvolvimento pleno do indivíduo, a partir de seu dispositivo pedagógico. (SOUZA, 2019, p.48).

Acompanha este tema no caderno do aluno (2014), a conceituação de *juízo de valor e objeto de estudo*, com a intenção de desenvolver um olhar sociológico por meio de mudança na forma de encarar a realidade (SÃO PAULO, 2014, p. 5). De fato, a compreensão destes conceitos auxilia de forma vigorosa na discussão acerca de fenômenos sociais, tal como também orienta a uma abertura no campo de visão dos indivíduos em fase de desnaturalização, construindo assim uma espécie de “ótica sociológica”, que permite ver por outros ângulos e de outras formas os fatores que serão propostos. Ao final, o material ainda propõe um estudo de campo, o que pode auxiliar sistematicamente na interiorização do campo disciplinar, além de servir de atrativo à juventude a quem se propõe o ensino. Por isso, a disposição deste conteúdo como primeiro na fila da disciplina talvez seja mais efetivo para uma melhor abordagem sociológica, bem como para a interpretação de situações e objetos sob uma postura crítica e de autonomia. Esse era o objetivo da sociologia até então, de acordo com as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de Sociologia (OCN's), de 2006:

Entende-se que esse duplo papel da Sociologia como ciência – desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais – pode ser traduzido na escola básica por recortes, a que se dá o nome de disciplina escolar. [...]. Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo (BRASIL, 2006, p. 106).

Na esteira do ensino em sociologia, a segunda situação de aprendizagem do caderno do aluno da primeira série em 2014 propunha a discussão do ser humano e sua relação com a sociedade, perpassando sua relação com o espaço e tempo e posterior tentativa de compreensão da sociedade brasileira, situando os estudantes

num espaço social de vivências e produções em grupo, o que caracteriza o *ser social*. Embora mais atrelado à interpretação de textos, as atividades propostas neste momento evidenciam ao indivíduo o caráter de compreensão do espaço em que se vive, diante das circunstâncias que lhe cercam. Por fim, o material propõe uma pesquisa sobre a sociedade brasileira, tendo por objetivo a identificação de práticas culturais que situam os seres humanos nesta sociedade.

Já no material promulgado para o novo ensino médio, a segunda situação de aprendizagem para a primeira série do ensino médio abarca uma série de questões: “Discursos racista, etnocentrista e evolucionista e sua contraparte nas sociedades contemporâneas: a eugenia, o arianismo, o colonialismo, o relativismo cultural e o multiculturalismo” (SÃO PAULO, 2019, p. 151). Embora estes temas (que englobam etnias e dinâmicas sociais) sejam de extrema importância para a sociologia, situá-lhes antes de uma compreensão acerca do que é a sociologia e suas utilidades pode fazer com que se tornem apenas pautas aleatórias a serem discutidas, de forma que se o docente não trabalhar de forma a dar contorno nestas discussões (amparado por uma prévia apresentação da disciplina e suas funções), estas temáticas tenham pouco respaldo e, por consequência, pouca efetividade para o ensino de sociologia. Sem por precedência estimular o processo de estranhamento do olhar, a mera conceituação de termos (como aparece no currículo em ação) torna-se superficial diante de temas tão complexos, que poderiam render um longo debate de acordo com a literatura sociológica.

A terceira situação de aprendizagem, neste escopo, revela uma desconexão clara entre os dois materiais: enquanto o currículo preto e branco segue uma linha de raciocínio, tendo por proposta a discussão da utilidade da sociologia e do trabalho do sociólogo (trazendo para análise situações reais e violentas causadas por um olhar não desnaturalizado), o currículo atual apresenta uma discussão sobre tecnologia e as consequências do progresso em diversas sociedades. Todavia, mais uma vez a disposição aleatória de conteúdos sufoca um ensino de qualidade e comprometido com a efetividade do processo de ensino-aprendizagem, além de dispor conteúdos sem conhecimento prévio dos estudantes, sem teorização anterior, o que acaba por descaracterizar o próprio pensamento sociológico. Em nome de uma interdisciplinaridade superficial, o novo material evidencia como ponto de conexão entre os componentes de ciências humanas os “desejos e ambiguidades do desenvolvimento científico, tecnológico e humano”. Embora aqui não se reflita (num

primeiro momento) paulatinamente a questão mercadológica, fica evidente o uso da sociologia como forma de sucateamento daqueles itens necessários para uma maior compreensão social. Neste sentido, inserem-se conteúdos pontuais para discussão/exposição sem antes promover nos estudantes uma desconstrução do olhar, o que culmina na manutenção do senso comum e na propagação de preconceitos e atitudes desvinculadas de um aparato ético, que deveria mover os cidadãos. De certa forma, é uma educação tecnicista, despreocupada com os fenômenos e a dinâmica social, manifestando uma mera aquisição de conteúdos desviesados de qualquer análise e questionamento.

Embora as páginas seguintes do livro didático decidido à primeira série do ensino médio, no currículo em ação e de acordo com o novo ensino médio, apresentem conteúdos importantes do ponto de vista da discussão social (diferentes formas de manipulação da informação na sociedade, minorias nas sociedades do século XX, conceitos de aculturação e assimilação, territórios, fronteiras e vazios nas sociedades contemporâneas [...]), percebe-se novamente uma mera disposição de conteúdos que prioriza a sobreposição de temas isolados sobre temas isolados, disconexos da rede que forma a teoria sociológica e das discussões teóricas que embasam posicionamentos com face em análises estudadas por sociólogos. Além do mais, é preciso salientar que estas temáticas seriam facilmente atendidas pelo componente curricular história, o que evidencia a supressão do caráter analítico, que é próprio da ciência sociológica e parte principal de seu trabalho, em detrimento de mera descrição de fatos sociais, fazendo com que os estudantes pouco se envolvam e não tomem postura diante de situações concretas, além de defasar a construção de uma identidade crítica e emancipatória.

Por outro lado, o currículo do triênio 2014-2017, para a primeira série do ensino médio, caminha na esteira de desconstrução do olhar, de percepção do indivíduo na sociedade e de um trabalho sociológico para compreensão dos fenômenos sociais (tendo como próximas situações de aprendizagem: relações e interações sociais na vida cotidiana, a construção social da identidade, o caráter culturalmente construído da humanidade, desigualdade de classes [...]). Embora ainda carente de um olhar sociológico mais profundo, o currículo anterior ao novo ensino médio contempla com destreza um agrupamento de conteúdos que sejam suficientes para a formação básica, percorrendo um caminho traçado cuidadosamente que vai da desnaturalização do mundo até situações mais

complexas, como a desigualdade de classes e as teorias de classificação e estratificação – o volume dois do material didático proposto para a primeira série apresenta, da página 42 em diante, uma exposição dos ideais teórico de Karl Marx e Max Weber, proporcionando uma análise de textos para compreensão da estratificação. Fica evidente o interesse nítido deste currículo numa formação crítica dos indivíduos, priorizando uma linha de ensino que se não se limita à observação superficial de determinados fenômenos sociais, pelo contrário, se preocupa com a compreensão por parte dos estudantes dos grandes conceitos sociológicos que permeiam toda a teoria social, e possibilitam um pensamento crítico e libertário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta minuciosa análise dos currículos utilizados antes e depois da reforma do ensino médio, esperamos possibilitar a ampliação do debate no que concerne à efetividade da sociologia, bem como dos componentes de outras áreas, dentro do escopo do novo ensino médio. Para o debate sociológico, espera-se que este artigo responda pelo menos parte dos questionamentos quanto aos componentes ideológicos que se quer justificar a partir do N.E.M.. Esta análise leva à conclusão de que o material proposto após a reforma do ensino apresenta deficiências em questões primordiais para a aquisição do olhar sociológico, e até mesmo para efetividade do processo ensino-aprendizagem, enquanto um processo que fomente a criticidade e a ação cidadã dos indivíduos que se formam. Neste escopo, vale lembrar a teoria de Dermeval Saviani (1999), que evidencia o caráter de uma educação submissa aos interesses dos poderes dominantes, em detrimento de uma educação que liberta e leva à metamorfose social:

[...] a escola é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto, a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade. Considerando-se que a classe dominante não tem interesse “na transformação histórica da escola” (ela está empenhada na preservação de seu domínio, portanto apenas acionará mecanismos de adaptação que evitem a transformação) segue-se que uma teoria crítica (que não seja reprodutivista) só poderá ser formulada do ponto de vista dos interesses dominados. (SAVIANI, 1999, p.41)

Crítico de uma educação galgada numa pedagogia tradicional, Saviani traz uma pergunta importante para o escopo por nós analisado, tomando a liberdade de usar a teoria pedagógica como complemento à situação atual da educação no Brasil, pós reforma do ensino médio: “é possível articular a escola com os interesses dominados?” (SAVIANI, 1999, p.41). Do ponto de vista desta nossa análise, é preciso que existam movimentos de resistência e de adaptação do novo currículo por parte dos docentes e dos próprios estudantes, tendo por objetivo a inserção neste currículo de perspectivas sociológicas que ultrapassem a descrição dos fatos e manutenção do *status quo* social, condição *sine qua non* a sociologia poderá, num futuro próximo, estar relegada a análises superficiais e rasas de fenômenos complexos e variados das sociedades atuais. Não obstante, a reforma já em curso retira a sociologia dos debates pedagógicos na terceira série do ensino médio, de forma que ela apareça poucas vezes e de forma muito sutil, talvez com o intuito de não alimentar posturas ‘muito críticas’ às estruturas dominantes nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio.** Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, volume 3, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasília, 2000b. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2021.

MEKZENAS, Paulo. O ensino de Sociologia na Escola Secundária. IN: **UDESC**. Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação. Leituras & Imagens. Florianópolis: UDESC, 1995.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo em ação**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

São Paulo: IMESP, 2014. **Caderno do aluno**, (sociologia). São Paulo: IMESP, 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 1999, 105p.

SOUZA, Letícia Lima de. Considerações sobre o ensino de sociologia no ensino médio e a teoria histórico-cultural. **Revista Aurora**, [S.L.], v. 12, n. , p. 41-52, 20 dez. 2019. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/1982-8004.2019.v12esp.06.p41>.

VARES, Sidnei Ferreira de; BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. O SENTIDO DA EDUCAÇÃO EM ÉMILE DURKHEIM E MAX WEBER: elementos para um estudo comparado. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, [S.L.], v. 13, n. 25, p. 1-30, 5 dez. 2014. Universidade Estadual do Oeste do Parana - UNIOESTE. <http://dx.doi.org/10.48075/revistacsp.v13i25.9972>.

